

## **NARRATIVAS DE PESQUISADORES BRASILEIROS NO CAMPO DA ESTÉTICA ORGANIZACIONAL**

**JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes)

# **NARRATIVAS DE PESQUISADORES BRASILEIROS NO CAMPO DA ESTÉTICA ORGANIZACIONAL**

## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Na área de Estudos Organizacionais (EOR), entre as diversas abordagens, temos a filosofia da estética organizacional como um caminho possível para a compreensão de fenômenos organizacionais (LEAL, 2005; STRATI, 1992, 2007; WOOD JR; CSILLAG, 2001; TAYLOR, 2002; WARREN, 2008). Nos EOR brasileiro, Wood Jr e Csillag (2001) apresentaram a filosofia da estética organizacional como um caminho possível para a compreensão de fenômenos organizacionais.

A atenção inicial é a experiência estética em organizações criativas, como elemento para a compreensão da criatividade nas organizações (LEAL, 2007), a exemplo dos estudos mais recentes que têm contemplado um olhar às práticas culinárias (LOPES; SOUZA; IPIRANGA, 2014; IPIRANGA; LOPES; SOUZA, 2016; SOARES; BISPO, 2014; 2017). Revisões de estudos recentes no cenário brasileiro (ANJO; BRITO; BRITO, 2022 e internacional (BALDESSARELLI; STIGLIANI; ELSBACH; 2022) apresentam as singularidades de pesquisa pelo prisma da estética organizacional.

As pesquisas, à luz da estética organizacional, vislumbram pela compreensão da sua dimensão performativa e reflexiva dos sentidos, no contexto social das organizações, o que recai na percepção e implicações das ações individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos na vida organizacional (TAYLOR, 2002; LEAL, 2005; WARREN, 2008). Diante do exposto, trago a seguinte questão-problema da pesquisa: como como têm sido conduzidas as pesquisas que seguem a abordagem teórica da estética organizacional nos EOR? Para responder a questão-problema desta pesquisa, o seu objetivo é de compreender, a partir das narrativas de pesquisadores, a experiência no fazer pesquisa estética e discutir as potencialidades e desafios do fazer pesquisa estética nos EOR. De caráter qualitativo, foram realizadas entrevistas com pesquisadores nacionais de estética organizacional com análise conduzida a partir da análise de narrativa.

A motivação desse estudo está na possibilidade de contribuição com uma maior abertura de novos olhares, relativos aos fenômenos organizacionais e às possibilidades de investigações alternativas aos pesquisadores que resolverem trilhar pelo caminho da dimensão estética na vida organizacional. A relevância do estudo proposto é explicitada pelo potencial de contribuição para os pesquisadores da abordagem estética nos EOR. Espera-se ainda proporcionar uma contribuição para abordagem qualitativa, já que discute caminhos da pesquisa estética qualitativa no cotidiano organizacional.

Para além desta seção introdutória, este estudo apresenta na sequência, a revisão de literatura narrativa, em que se discutem as bases teóricas, as quais propiciam a sustentação ao estudo. Em seguida, apresenta-se a proposta metodológica, que trata das escolhas e dos procedimentos metodológicos, de produção e análise dos dados da pesquisa. Os resultados e discussão são apresentados com as narrativas dos pesquisadores estéticos. Por fim, são feitas as considerações finais.

## **2. ESTÉTICA E ORGANIZAÇÕES: Das Origens Filosóficas aos EOR**

Não pretendo desenvolver aqui uma “história da estética”, mas buscar compreender os caminhos que levaram ao encontro teórico da “estética” com o conceito de “organização”. E sendo um termo polissêmico e de disputa de campos teóricos distintos; a estética só alcança o status de disciplina, de ciência na Modernidade (SUASSUNA, 2018; STRATI, 2007; 2019).

Os pensadores clássicos já começavam a dividir o campo estético para além do Belo. Kant apresentava o Sublime; Aristóteles, o Cômico. Daí, o questionamento sobre o fator limitante à categoria do Belo. A Estética deveria ser reconhecida como a Ciência do Estético (LEAL, 2005; SUASSUNA, 2018; STRATI, 2019). Enquanto ciência, o campo estético ampliou olhares para os objetos, com o interesse em novas categorias: Trágico, Sublime, Gracioso, Risível, Feio, ainda que muito concentrado no mundo das artes clássicas (STRATI, 1992; 2007; 2019).

O pensamento sobre estética tem origem no campo filosófico, ainda no período da Grécia Antiga, a partir de estudos preliminares de filósofos como Aristóteles e Platão, cujas discussões giram em torno da arte e da contemplação da beleza (STRATI, 2007; 2019; LEAL, 2005; SUASSUNA, 2018).

Suassuna (2018), ao retomar as origens da estética, destaca a preocupação quanto ao belo no mundo das artes, ao considerar que o julgamento estético de uma obra de arte vai pôr em discussão os aspectos referentes ao conceito de beleza. Além dos filósofos gregos antigos, mais tarde, a estética também foi discutida pelos filósofos Hume, Kant e Hegel. Mais recentemente, ainda se destacam a obra de Humberto Eco em “História da Beleza” e Mikel Dufrenne por “Estética e Filosofia”, pois ambos os autores exploram o conceito do belo nos estudos filosóficos.

Não há uma filosofia única por trás da pesquisa em estética organizacional, pelo contrário, são diversas as filosofias que constituem a base teórica para pesquisar a dimensão estética da vida organizacional (STRATI, 1996; 2014b; 2019). Strati (2019) retorna às origens das filosofias estéticas e apresenta três sensibilidades filosóficas, que juntas caracterizam a dimensão estética nas organizações: a sensibilidade hermenêutica, a sensibilidade estética e a sensibilidade performativa. Ambas as sensibilidades representam discursos estéticos. Em meio à pluralidade de lentes filosóficas.

Strati (2019) situa-se e ampara-se na filosofia italiana do século XVIII e na sociologia estética de George Simmel. O olhar mais subjetivo dos pesquisadores organizacionais, os quais ainda possuem a objetividade como marca dos estudos, sem levar em consideração a importância da ação humana, os sentidos e suas experiências vividas nas organizações como objeto de estudo (LEAL, 2005). Leal (2005) resgata a partir de Kant, a noção de três funções essenciais da ação humana: (1) o prático, (2) o teórico e o (3) estético. Com atenção à função relativa ao campo estético, o autor reitera que:

Pode-se evidenciar a presença necessária da atitude estética na criação teórica ou científica, sendo que mesmo as atividades práticas, que não podem ser designadas como de criação, mas antes como repetitivas do hábito, mostram por vezes traços evidentes da presença do estético. Dada a sua onipresença, o “estético” é, portanto, um fator presente e influenciador do cotidiano organizacional, dimensão subjetiva do agir organizacional (LEAL, 2005, p. 72).

O entendimento do conceito estético de Kant favorece a inevitabilidade de considerar a subjetividade presente nas organizações, enquanto elemento de análise organizacional. Mesmo considerando a objetividade como elemento central de estudos anteriores, é possível caracterizar a presença da subjetividade, como um caminho possível de investigação, a partir de experiências estéticas no cotidiano das organizações (LEAL, 2005; STRATI, 1992; 1996; 2014a; 2014b; GHERARDI, 2009).

Strati (2019) indica uma direção futura da pesquisa em estética organizacional para estabelecer um diálogo entre as teorias organizacional e filosófica. Para se obter uma maior consciência filosófica na administração, o debate deve se estender além dos limites da teoria organizacional, a fim de ilustrar as implicações filosóficas da estética organizacional e os

métodos de pesquisa utilizados. Para o autor, é preciso construir uma maior consciência por parte dos pesquisadores de estética organizacional.

Strati (2019) volta a defender a importância da estética filosófica nos estudos da dimensão estética na vida organizacional, algo já elaborado em outros trabalhos (STRATI, 1992; 2007; 2014b), mas que o autor destaca a atenção dos estudiosos da área do campo organizacional. Com base na experiência adquirida através de práticas de pesquisa, é preciso ir além do envolvimento das questões filosóficas, sendo necessário não apenas conhecer, mas também se envolver com os temas e questões debatidas nos múltiplos campos estéticos.

## 2.1 O Corpo na Perspectiva da Estética Organizacional

A partir dos avanços teórico-empíricos da perspectiva estética nos EOR (ANJO; BRITO; BRITO, 2022; BALDESSARELLI; STIGLIANI; ELSBACH; 2022), e da atenção e necessidade aos aspectos metodológicos do fazer pesquisa estética (TAYLOR, 2002; WARREN, 2008; DE MOLLI, 2021), discuto aqui a noção de corporeidade como dimensão analítica dos estudos de estética organizacional (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; BISPO; GHERARDI, 2019; COLET; MOZZATO, 2019). Com base nos estudos do fenomenologista e filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, Strati (2014a, p. 68-69) argumenta que o conhecimento sensível é adquirido pela corporeidade.

[...] são as pessoas que criam, inventam e desempenham a organização, fazendo-o não como “mentes” individuais ainda que inter-relacionadas, mas por meio de sua corporeidade – que lhes permite adquirir conhecimento sensível, bem como se envolver em raciocínio intelectual – e sempre em relação aos elementos não humanos que compõem o espaço organizacional.

Strati (2007), ao considerar o juízo estético como um “sexto sentido”, reitera que esse é expresso por meio das ações percebidas pelos corpos dos indivíduos com o mundo social. A formação e refinamento do julgamento, sobre o que considerar como Belo ou Grotesco, Bom ou Ruim, ocorre quando o corpo está envolvido no cotidiano das práticas sociais. Haja visto, sensível está presente no corpo, nos sentidos, nas práticas sociais (GHERARDI, 2009; STRATI, 2014a).

Ao discutirem os desafios da corporeidade na pesquisa para a construção do conhecimento, Flores-Pereira, Davel e Almeida (2017) apontam para a interação do pesquisador com o campo como um dos desafios, o que requer dos pesquisadores maior sensibilidade no envolvimento com o conhecimento empírico, algo que é também fundamental nas pesquisas em estética organizacional (TAYLOR, 2002; WARREN, 2008; DE MOLLI, 2021).

No entanto, a perspectiva do *embodiment* não tem tido a devida atenção nos estudos de estética (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; FLORES-PEREIRA, 2010). Flores-Pereira (2010) assenta certa negligência às pesquisas da área estética por entender que eles têm maior interesse na formação do conhecimento sensível e do juízo estético no conjunto dos analítico dos cinco sentidos. A centralidade analítica baseada no corpo é pouco adotada nos estudos, dado que o conhecimento é evidenciado pelos cinco sentidos corporais (STRATI, 2014b).

Colet e Mozzato (2019) diminuem essa lacuna ao realizarem um estudo de caso múltiplo em duas organizações de grande porte, em que evidenciaram nas práticas cotidianas investigadas, os processos de aprender, os quais abrangem não só os aspectos multissensoriais, mas também materiais e corporais. O juízo estético dos envolvidos nas duas organizações são contatados por meio das relações cotidianas, bem como do corpo, como salientado por Strati (2007; 2014b) e Bertolin, Cappelle e Brito (2014).

No entanto, pouco é explorado e evidenciado sobre a relevância de nosso corpo enquanto pesquisadores no processo de produção e interpretação (TAYLOR, 2002; WARREN, 2008). Para Bispo e Gherardi (2019), os corpos dos pesquisadores podem não somente serem usados e/ou observados, mas também interpretados na pesquisa qualitativa nos EOR.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Strati (2007; 2014c) reconhece que, para a compreensão estética da vida organizacional, é preciso evitar a busca por uma “ontologia forte” que seja capaz de propor um conhecimento para além dos conhecimentos já definidos. Ao considerar os aspectos subjetivos intrínsecos ao cotidiano organizacional, este estudo se alinha por uma ontologia e epistemologia socioconstrucionista, na qual o conhecimento é resultado de uma construção social, isto é, o ser humano constrói teorias a partir da sua interação social com o mundo (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Enquanto abordagem metodológica, este estudo está direcionado a uma perspectiva qualitativa, caminho recomendado para pesquisas sobre Estética Organizacional, pois essa abordagem demanda uma maior participação dos pesquisadores envolvidos no fenômeno social, que está imbricado nas relações cotidianas da vida organizacional (STRATI, 2014c).

A técnica de entrevista é considerada intersubjetiva, pois trata-se de um momento aberto para a discussão e a expressão dos envolvidos (CHERON; SALVAGNI; COLOMBY, 2022). E ao observar os tipos potenciais de entrevista, foi selecionada a do tipo narrativa como sendo a mais adequada para a realização do estudo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). O caminho para encontrar os potenciais pesquisadores nacionais para convidá-los para participar das entrevistas foi através da busca de (a) autores com dissertações e teses publicadas sobre o tema de estética organizacional e (b) autores de artigos publicados em periódicos. Com o levantamento dos nomes, contatos e das instituições vinculadas e os respectivos grupos de pesquisas, os convites foram feitos por e-mail.

Para preservar a identificação dos pesquisadores e os aspectos éticos, nomes fictícios foram utilizados. São nomes de deuses de diversas mitologias ligados à beleza, algo que aproxima da temática tradicional dos estudos de estética. Foram cerca de 17 horas o tempo total das entrevistas realizadas. Entrevistei 13 pesquisadores, sendo 10 mulheres e três homens, com vínculos institucionais diversos, incluindo universidades estrangeiras, tempo de atuação (de pesquisadores iniciantes a seniores).

As entrevistas foram realizadas com suporte da plataforma *Google Meet*®. A utilização dessa ferramenta tornou um caminho possível de aproximação, mesmo que virtual com os entrevistados e também viável de realização, ao considerar que os pesquisadores estavam espalhados por diversas regiões do país e até fora do país, inclusive. Ainda assim, posso apresentar a distração por parte dos entrevistados como principal fator limitante da nesse formato virtual, seja com incômodos do ambiente externo e de outras tecnologias, por muitas vezes a pessoa entrevistada está no ambiente familiar ou horário de trabalho. Em alguns casos, ocorreram pequenas falhas de conexão e/ou ajustes com o microfone.

A Análise de Narrativa foi escolhida pela realização de uma análise dos dados produzidos, pois como reitera Strati (2007), ao trabalhar com textos abertos, a interpretação traz uma descrição analítica da dimensão estética na experiência vivida no cotidiano organizacional. E dentre as perspectivas narrativas, optei pela escolha da técnica de análise narrativa do tipo temática de acordo com os preceitos de Czarniawska (2000; 2004). Segundo essa autora, as narrativas são construídas e utilizadas para darem sentidos e significados à realidade social.

Segui pelas três etapas recomendadas por Czarniawska (2004): (1) explicação, (2) explanação e (3) exploração. Assim, as narrativas das entrevistas em profundidade foram reconstruídas com a realização das conversas, em seguida das gravações e posteriormente, a

categorização por temas. No segundo momento, ocorreu o processo de interpretação, que se refere à fase da exploração para a desconstrução da narrativa, antes reconstruída. Por fim, na última etapa da tríade hermenêutica, fiz a construção de uma outra narrativa, após o processo analítico de comparar e contrastar com as falas anteriores.

Czarniawska (2000), disserta que para a realização da análise de narrativa, o investigador deve encontrar os encadeamentos do discurso construído, presentes entre os elementos que o integram. Com isso, a autora sugere que devemos analisar nas narrativas aquilo que é visto como comum, pois é o que dará legitimidade à narrativa organizacional, e não pelo que é atípico. Destaco que tais dados foram tratados com o auxílio do software MAXQDA®, tendo em vista a potencialidade com relação ao rigor e à qualidade da pesquisa a ser realizada com o *software* (SOUZA NETO *et al.*, 2019).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são apresentadas, em cada subtópico, as narrativas temáticas em um diálogo com a construção do campo, a partir das experiências de pesquisas estéticas realizadas pelos pesquisadores entrevistados.

##### 4.1 “Isso é Administração?”: do Estranhamento ao Encantamento no Encontro com a Estética Organizacional

Neste tópico propus contar a narrativa advinda do primeiro encontro ou reencontro com a teoria estética, por parte dos pesquisadores entrevistados. Uma vez que a abordagem estética procura capturar a experiência vivida no cotidiano (STRATI, 2007), as entrevistas narrativas propiciaram um momento de resgate às vivências na condução de pesquisas estéticas. Sobre os primeiros encontros, os entrevistados narraram:

Não tinha conhecimento nenhum do assunto estética, **sempre fui muito racional**, né, como [profissional da área de ciências exatas] lá que não nega suas origens, sempre fui muito racional. Então não passava pela minha cabeça, embora ele esteja presente na nossa vida o tempo todo, **eu não me dava conta de que a gente aprende muito com os sentidos** (Entrevista com Apolo, grifo nosso).

[...] No meu doutorado que eu cheguei nos **estudos baseados em prática**. Aí eu fui efetivamente pro **campo da arte, cultura**, pra gente entender um pouco como é a prática em si, **a prática ela produz a estética, a estética produz a prática**, como é que se dá essas relações, mas sobretudo como é que essas nossas maneiras de produzir o mundo tem essas dimensão estética, desse estar no mundo (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

O encontro dos pesquisadores evidencia o distanciamento presente da abordagem estética organizacional ainda evidente no campo organizacional no contexto brasileiro, pois tal perspectiva é apresentada somente em programas de pós-graduação em administração que tenham a linha de EOR. Mesmo sendo os entrevistados de outras formações iniciais, para além do bacharel em administração, o encontro só ocorre normalmente em nível da pós-graduação. Enquanto, Apolo revelou ter total desconhecimento por teorias estéticas por sua formação de caráter “racional”, Hathor evidenciou saber até então o conceito básico de estética. Já Hedone trouxe em sua vivência como pesquisadora, a abordagem estética a partir do arcabouço teórico dos EBP em nível de doutorado.

Os trechos das narrativas mostram caminhos diferentes, os quais levaram os pesquisadores a investigarem o cotidiano organizacional, a partir da abordagem estética.

Caminhos trilhados no espaço-tempo, entre o encontro e o processo de realização da pesquisa, que são limitados, por mais que a dimensão estética seja notada posteriormente por quem a pesquisa, da compreensão do processo de aprendizagem ocorrer por meio dos sentidos, e deles estarem presentes no corpo e nas relações sociais como uma prática estética.

Para tanto, destaco ainda a narrativa de Sri:

[...] eu precisei em vários momentos recorrer a outras áreas do conhecimento científico, principalmente sociologia, filosofia, né. Não tem como a gente discutir a estética sem ir lá no Kant, entender o que dá percepção dele, por exemplo do juízo, né, juízo estético. Então sim, eu precisei recorrer a essa necessidade de percorrer os campos da ciência. Inclusive... era... Foi algo que meus colegas apontavam muito, no sentido de **“isso é administração?”** Não sei se você já enfrentou esse questionamento **“é isso mesmo?” Vai enfrentar.** (Entrevista com Sri, grifo nosso).

Esse excerto da narrativa de Sri traz a primeira das críticas sofridas pela Estética Organizacional, fruto do estranhamento enquanto abordagem de ciência na administração. A necessidade apontada pela entrevistada em sua narrativa não deve ocorrer com abordagens teóricas já reconhecidas e consolidadas no campo teórico da Administração. O enfrentamento por parte dos pesquisadores de Estética Organizacional foi algo já colocado como um dos desafios desta área, como destacado por Strati (1992; 1996; 2014b), Wood Jr e Csillag (2001) e Leal (2005).

Os pesquisadores narram, ainda, que ao abraçarem a Estética Organizacional, entram em conflito com a pesquisa funcionalista tradicional e predominante na Administração e no debate presente entre a racionalidade e a subjetividade na pesquisa de cunho social e interpretativista.

[...] dentro do meu programa foi um desafio muito grande porque nada eu conseguia me encontrar, desde as disciplinas, muitas vezes elas são focadas numa análise mais geral, sabe? [...] Quando eu entrei no doutorado eu até **procurei fazer disciplinas da sociologia para conseguir me encontrar**, porque assim, nas perspectivas teóricas que a gente usa para trabalhar estética organizacional muitas vezes ela foge completamente de uma linha ali do **positivismo** que é o que a maioria dos alunos trabalha, né? Do **estruturalismo, funcionalismo**, então você entra numa linha **interpretativa** ou numa linha **construtivista** que sai fora do que a maior parte dos alunos no programa trabalham (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

Contudo, o embate teórico no campo organizacional é visto como desafio e ao mesmo tempo uma motivação por parte dos pesquisadores a seguirem pelo caminho da abordagem estética, como um espaço de ciência “para além da racionalidade”, como destacado no trecho da narrativa abaixo por Astarte. Sentir a subjetividade assim como sentir a racionalidade nos fenômenos presentes nas investigações do cotidiano organizacional (STRATI, 2007), provoca os pesquisadores, também, a observar o fazer da pesquisa, a partir do conhecimento sensível, uma experiência organizacional (STRATI, 1996).

Me chamou muito atenção justamente isso do **sensível, do sensório. Do para além da racionalidade, né?! Por**que eu achava que fazia muito sentido. Assim, quando eu comecei a estudar ali no doutorado eu entrei em contato com, digamos assim, **outro tipo de ciência**, né. Que eu até então meio que... Talvez eu desconhecêsse assim por completo, uma ciência que pra mim fazia mais sentido pela forma que ela se desenvolvia, que ela se dava. E fazia sentido pra mim pela forma que a gente vive, né! **Eu achei que aquilo era coerente com as coisas que eu vivia.** E até então eu disse “Meu Deus! Isso aqui faz muito sentido! Eu acho que é por aqui que eu tenho que seguir”. [...] **Um sentido de ser mais sensível, de conseguir olhar pra subjetividade** (Entrevista com Astarte, grifo nosso).

Ao defrontarem com o caráter mais racional nas pesquisas em Administração, os pesquisadores relataram a necessidade de recorrerem a diversos outros campos teóricos para sentirem segurança na condução de uma pesquisa pela abordagem estética organizacional.

[...] **Eu comecei por meio do Strati**, né? Com aquela bíblia dele da estética, organização e esse estudo do Strati continua sendo a principal guia porque ele inclusive é o que nos orienta quando a gente sai um pouco do caminho, (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

[...] Até mesmo as vezes quando você vai discutir isso em sala de aula, **você fala sozinho** porque acaba que a maior parte dos teus colegas não estão nessa perspectiva, nessa epistemologia, então você acaba ficando meio perdido, você não sabe se você está falando a coisa certa, então se você não tem uma orientação que trabalhe nesse viés ou que te apoie... Por exemplo, a minha **orientadora**, ela não trabalhava com a estética especificamente, mas ela foi atrás desse conhecimento pra gente construir junto isso (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

O movimento aqui presente indica o caráter interdisciplinar presente na Teoria Estética, que apesar de ir além da Filosofia do Belo, os pesquisadores sentem a carência de uma fundamentação teórico-metodológica para a produção da pesquisa científica. A figura do(a) professor(a) orientador(a) foi uma narrativa recorrente nas entrevistas. Além do papel de relevância profissional que detinham, tais profissionais são responsáveis em grande parte pela apresentação do arcabouço teórico de teorias das práticas em disciplinas e seminários presentes nos Programas de Pós-graduação em Administração. O autor Antonio Strati também é lembrado como a leitura descrita nas narrativas abaixo:

E na disciplina **o professor apresentou pra gente um livro** que é administração na prática, na aprendizagem que fala muito de como é o sentir e ali eu **aprendi muito com Strati** como ver, com perceber e como relatar então a minha... vamos dizer assim, o meu contato com a estética foi ele. (Entrevista com Afrodite, grifo nosso).

[...] aí o [nome do orientador] que ficou como meu orientador e a gente conversando, trocando ideia e ele me falou da questão do [objeto de pesquisa], do conhecimento sensível, né? É uma forma diferente de você aprender, aprendizado via utilização dos seus sentidos, e eu achei que **fazia muito sentido** e como **eu gosto** de [objeto de pesquisa], então eu embarquei com o [orientador] nesse caminho (Entrevista com Apolo, grifo nosso).

**O bom da pesquisa estética** é que a gente entende o quanto as nossas subjetividades estão presentes nas nossas escolhas por mais que a gente não vê força isso. Por mais que a gente faça um estudo objetivo, a estética nos ensina que por trás daquela objetividade toda tem algumas das mais ocultas, que na verdade são aquele elefante branco que na verdade tá lá, não são nada ocultas, mas como a gente não tem essa afinidade com esse conhecimento estético, a gente acha que é uma questão puramente subjetiva, né?. Na verdade, **as nossas pesquisas elas são muito orientadas pelas nossas vivências, as nossas escolhas**. Sei que você pega um tema 'tô perdido'. "Ah, veio um professor com uma luz ali e você pode se identificar ou não", mas o amadurecimento vai trazendo essa **"vamos estudar o que a gente gosta**, o que a gente tem, né? Passado e tudo mais, né?" (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

O papel da orientação é apresentado como uma espécie de guia responsável para a realização das pesquisas. E a partir da construção de narrativas pode depreender como a formação do gosto ocorreu durante as primeiras impressões com as leituras, como a prática de fazer pesquisa é em si mais do que ser uma escolha ou algo que faça sentido ao pesquisador, é, antes de tudo, uma questão de gosto (GHERARDI, 2009).



[...] Quando eu me debruço sobre os estudos de Antônio Strati e que ele nos trás aquelas 60 e lá vai fumaça, categorias estéticas que não se resume ao belo, e quando você entende que a Estética ela toca diretamente nos seus sentidos e como que você percebe...e como que você pode fazer leituras a partir disso você já propõe um outro nível de inteligência para a gestão, porque sempre priorizamos a inteligência racional quando a organização demanda de uma inteligência emocional que somente a Estética pode nos trazer. Então a Estética ampliou o meu olhar do como, **a Estética a partir dessa minha pesquisa eu enxergo a Estética agora não como o fim mas como o meio, a Estética para mim é o meio, faz sentido?** (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

## 4.2 Sentindo o Corpo na Pesquisa

Nos EOR, o debate sobre a neutralidade do pesquisador é um aspecto que ainda se encontra em evidência na pesquisa estética, tal discussão deve ser superada, pois Strati (2007a) reitera a necessidade de os investigados estar disposto a se colocar no lugar do outro para a condução de uma pesquisa estética. Sobre a discussão, temos o excerto entrevista com Artarte que diz que:

[...] **o corpo ser produtor de dados quer dizer que você está implicado**, né. Senão você já não seria neutro e você não poderia se envolver naquilo ali, e você não poderia nem assumir que seu corpo tá te gerando esses dados, essas informações.

Com isso, vemos como o corpo do pesquisador deve ganhar evidência na pesquisa estética (BISPO; GHERARDI, 2019). O conjunto de trechos abaixo enunciam a prerrogativa do corpo do pesquisador estar presente na pesquisa estética.

[...] Essa coisa de que pesquisador é neutro, desculpa pra mim é... **No nosso tipo de pesquisa não existe**. [...] Se você não for ali uma pesquisadora que tá vendo uma situação que nem eu vi no meio da comunidade e aquilo não te abala. Bom, **você perdeu o coração**. [...] Essa pesquisadora neutra é difícil em determinados assuntos que se pesquisa e eu luto justamente pra isso, pra se desfazer essa visão de que existe uma neutralidade e que o pesquisador não é implicado no campo de pesquisa. Ele é, ele tem consciência e ele tem que reportar o que ele tá sentindo naqueles momentos e isso também faz parte da estética ao meu ver, né. Dá vazão aos sentidos, ao que se sente, ao sensório, enfim. [...] Eu vejo assim como uma luta, sabe. Eu acho que **esse tipo de pesquisa é meio que uma resistência dentro da ciência da forma que ela é vista hoje, com esse “C” maiúsculo, né?!** (Entrevista com Astarte, grifo nosso).

[...] Essa questão do pesquisador neutro, né, muito complexo, é um exercício de reflexão e abstração muito grande. Por quê?! [...] Foi um trabalho de construção de tese muito sentido, porque eu sentia, eu não conseguia dizer assim **“eu não sinto”** só que eu construí a tese quando eu tive isso na mente, que é uma coisa que eu acho que se puder contribuir com quem vai estudar teorias das práticas é dizer **“eu vou sentir, vou”**(Entrevista com Afrodite, grifo nosso).

Ainda mais nesse contexto de COVID do isolamento a gente sentiu a necessidade... percebeu a necessidade de afeto, dos sentidos, do toque, do tato, de todos os sentidos, a pandemia provocou essa atenção para a gente, para o corpo. E tem uma coisa muito interessante porque a pandemia ela mexe com a gente de uma forma muito curiosa porque ela vai para além da racionalidade. (Entrevista com Oxum).

O papel do pesquisador deve ser levado em consideração, bem como suas emoções sentidas no campo, uma vez que ativar suas faculdades perceptivas e sensoriais, não deixando de lado ou em segundo plano a sua racionalidade, para a interpretação dos dados (DE MOLLI, 2021). É importante enfatizar que, independente do fenômeno de investigação, as narrativas

dos pesquisadores demonstram a atenção ao posicionamento do pesquisador na pesquisa estética.

A estética foi me possibilitando um outro olhar, então essa curiosidade de aguçar, então eu já gostava de social e eu gostava também das pessoas, então foi fazendo muito sentido para mim quando eu fui vendo também minhas experiências anteriores em relação a como eu aprendia e **como aquilo se passava pelo meu corpo, e como quando que eu usava o racional e também outras habilidades do meu corpo**. Porque a gente é um ser humano só, né? (Entrevista com Hathor, grifo nosso).

[...] O que eu me lembro é que em todas as fases, tanto parte das observações quanto parte das entrevistas eu sentia que...ah, alguma pessoa falava alguma coisa que era aquilo que eu esperava, **parecia que dava um tremor no corpo** - “Ah, isso aí. É isso aí que eu quero saber.” (Entrevista com Adônis, grifo nosso).

Essa interação do corpo é colocada, ainda como um desafio, quando o pesquisador é um insider do campo de sua investigação. Uma dificuldade notada e sentida pelos pesquisadores estaria no quanto aquela experiência não é mais nova para eles, pois a prática estética já se encontrava incorporada, por meio das relações do cotidiano, como destacado por Strati (2014b) e Bertolin, Cappelle e Brito (2014).

Eu tinha ideia do que aquilo tinha me causado e de como as pessoas iam reagir, [...] **“Será que eu imaginei isso? Será que realmente senti?”** [...] Esse tato com a pesquisa ele vem porque você tem essa sensibilidade de alguma forma aguçada ou trabalhada ou não reprimida. [...] Você falar sobre o corpo é uma coisa muito difícil. [...] Então você tem que ter uma compreensão da sua própria sensibilidade muito grande para você ter uma segurança para falar sobre isso (Entrevista com Adônis, grifo nosso).

É muito difícil porque boa parte do meu doutorado eu fiz e eu era gestora [do objeto de investigação]. Cada dia que eu estava no [objeto de pesquisa] **o meu corpo reagia do fio de cabelo ao dedão do pé**, [...] porque o lugar que você ocupa, ele determina toda a sua percepção, [...] então cada um de nós reage diferente a partir da posição que a gente ocupa, e a posição que a gente ocupa não somente naquele momento, mas na vida. [...] **Meu olho procurava o meu técnico**, eu não queria mais saber o que estava acontecendo, eu procurava o meu técnico, eu fazia assim - “O que, o que é isso? Você não me falou que ia ter isso.” E aquela troca de olhares, então o meu corpo foi o corpo da gestora ali, acabou, a experiência que eu tive ali foi outra, e aí quando eu saio do [local] que falo com meus colegas - “Ah foi incrível, eu senti isso senti aquilo.” O que eu senti foi pânico do [local] estar explodindo, e ninguém estava me dizendo nada. Aí foi isso, **é o lugar que se ocupa**, a estética tem isso, onde você estava naquele momento? Onde você estava no 11 de Setembro? Isso muda a sua percepção (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

As narrativas acima demonstram ainda a necessidade de reconhecimento por parte dos próprios pesquisadores de como o conhecimento sensível é formado e refinado a partir do momento em que ele interage com o seu campo enquanto pesquisador, do lugar que o corpo do pesquisador ocupa, como destacado na narrativa de Oxum acima. A respeito de como o corpo do pesquisador é observado no campo e como ele, o corpo, afeta o fenômeno investigado.

[...] uma coisa que incomodava muito eles assim no começo é que eles tinham muita desconfiança do que eu tava julgando quando eu olhava para eles e **eu sentia que às vezes até o jeito que eu me vestia, ou o jeito que eu falava incomodava, sabe?** É porque assim, eles têm uma linguagem muito própria, o ambiente ali. [...] a forma

como eu me expressava era uma coisa que eles me questionavam em todas as vezes que eu me apresentava (Entrevista com Vênus, grifo nosso).

[...] **Eu alterei esteticamente um lugar**, e eu alterar esteticamente o lugar tem a ver com a minha roupa, tem a ver com meu perfume, tem a ver com as minhas perguntas de conversas informais enquanto as pessoas estão trabalhando, né? Tem a ver com as respostas que as pessoas dão sobre o que elas estão fazendo, enquanto estão fazendo o trabalho delas (Entrevista com Hathor).

O destaque da fala acima fica mais intensificado com as primeiras experiências no campo, como enfatizado pela pesquisadora Hathor em entrevista, uma outsider em seu campo de pesquisa. A construção de seu julgamento estético ocorreu a partir da relação de seu corpo com “[...] as expressões, os gostos, o sentimento, o senso de pertencimento daquele lugar”. A pesquisadora continua com sua narrativa em que relata a sensibilidade de seu corpo com o campo e como ele precisou sentir-se confortável no cotidiano organizacional investigado.

[...] E tô ali há menos de uma hora, duas vezes aconteceu na minha vida, uma vez foi na pesquisa, eu passei mal, eu desmaiei, se alguém não tivesse me segurando eu tinha caído. Imagina a vergonha, primeiro dia no [campo de pesquisa] e já chacotinha, todo mundo quando eu cheguei no outro turno, todo mundo já sabia que eu era a menina que desmaiou, né? Então como eu fui desconstruindo isso, né? [...] Então ali não era mais eu e meu resto de pensamento racional com papel, **meu corpo tava sendo afetado por aspectos estéticos que eu não podia controlar com meu pensamento racional**, né? [...] Então assim, mas não, não dependia, **eu fui afetada pelo calor, pelo barulho, pelo cheiro enjoado no início** (Entrevista com Hathor, grifo nosso).

Há ainda no relato descrito uma preocupação com a racionalidade do investigador, um conflito presente para um pesquisador estético nos EOR, o espaço e o tempo que o corpo do observador pode também ser observado e interpretado no contato com o campo de pesquisa (BISPO; GHERARDI, 2019). A Pesquisa Estética necessita, por parte do pesquisador, desnaturalizar a ideia de estudo neutro para poder observar e interpretar suas percepções sensoriais com as dos demais atores envolvidos no cotidiano organizacional, não podendo deixar de fora da análise os seus julgamentos estéticos e seu corpo.

[...] eu tô aqui por uma pesquisa, eu também gosto de estar aqui, mas você precisa aprender, eu preciso fazer pesquisa, mas eu também preciso estar aqui porque isso é importante. **Isso é o foco da pesquisa estética, preciso me deixar levar e eu preciso depois entender, escrever o que eu senti nesse momento**, né? (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

[...] **Hoje em dia não é só mais esse corpo que faz pesquisa**, a gente tem o corpo trans, que não é hétero, a gente tem o corpo de mulheres, a gente tem o corpo de pessoas que não são pessoas brancas e aí quando a gente olha pra essa resolução ela não fala sobre isso, ela não repete por exemplo que **uma mulher pode ser violentada dentro do seu campo de pesquisa e que a gente também ter em alguma medida um debate sobre essas questões** (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

As narrativas dos pesquisadores entrevistados destacam o posicionamento e a reflexão sobre a relação intrínseca do corpo do pesquisador e o lugar que ele afeta ao vivenciar a experiência sensível no campo de pesquisa.

[...] **A gente discute muito mais o corpo do outro do que o corpo de quem tá fazendo a pesquisa, e aí como é que esse corpo é atravessado? Como é que ele perpassa essas... questões? como é que a gente vai refletir sobre isso?** [...] Eu também fui incorporando no sentido de fazer pesquisa, você incorporar o fazer ciência

também vai fazendo parte do seu lugar nesse mundo, mas eu ainda observo isso assim, né (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

O lugar do corpo então, por exemplo, **o corpo enquanto numa classe econômica mais elevada [...] que a razão e a racionalidade nos impõem, né?** Isso foi um lugar social do [objeto de pesquisa] que eu observei eu enquanto o corpo eu me vejo também... eu me vi também em outros estágios, né? Eu me... eu me reví como eu era na adolescência e agora frequentando esses eventos também para além da preocupação com a pesquisa de resgatar essa coisa de dança e de subir e de se jogar mesmo e se permitir e de estar lá, deixando as coisas acontecerem e entender corporalmente porque aquilo acontecia comigo com aquele grupo [...] **a gente percebe um corpo como fluido nessas discussões desses valores, dessas inovações culturais que a gente está tendo, então eu me percebi como praticante disso** (Entrevista com Inanna, grifo nosso).

As narrativas colocadas por Hedone e Inanna levantam questões pertinentes: ética, gênero, performatividade, além dos aspectos econômicos, sociais e culturais. Tais apontamentos, ao mencionar o corpo do pesquisador, merecem atenção para o avanço nas discussões sobre a corporeidade na pesquisa nos EOR (BERTOLIN; CAPPELLE; BRITO, 2014; FLORES-PEREIRA; DAVEL, ALMEIDA, 2017), com olhar analítico e sensível aos corpos também dos pesquisadores (BISPO; GHERARDI, 2019).

### 4.3 O Fazer Pesquisa Estética Organizacional

No processo de construção da pesquisa científica, há o percurso metodológico. E posto que a abordagem estética implica, ainda, numa necessidade de o pesquisador precisar uma postura empática no campo (STRATI, 2007), com o envolvimento com os lugares e com os sujeitos do campo, torna a experiência intensa e também algo que leva a preocupação dos pesquisadores.

Ainda que tenhamos trabalhos preocupados com os aspectos metodológicos na pesquisa estética (WARREN, 2008) e com os avanços de estudos empíricos, os desafios na pesquisa estética ainda estão presentes. Os pesquisadores precisam se debruçar nas possibilidades de realização de suas pesquisas, levando em consideração o tempo de realização do trabalho, do acesso ao campo, mas também a insegurança em realizar um estudo que exige um papel ativo dos sentidos e do corpo dos observadores. Os relatos a seguir demonstram as preocupações, quanto às escolhas na condução da pesquisa estética.

[...] **Eu fiquei muito ansiosa quando comecei a trabalhar com autoetnografia**, aquilo me causou uma ansiedade muito grande, mas eu enxergava poesia porque é da minha natureza enxergar poesia, então eu acredito que essas percepções também elas vão muito do lugar de quem vê o do lugar de quem ocupa (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

[...] **a gente acatou aí a metodologia proposta pelo Strati sabendo os riscos dessa inovação no sentido de ter que passar toda essa questão com certeza do rigor, da validade interna, externa e tudo mais, né. Mas a gente se aventurou [...]** no sentido de trazer algo novo que desse conta do objeto, né a nossa preocupação era dar conta do objeto dentro do tema que a gente tava tratando e se fosse simplesmente a uma análise de conteúdo, com uma técnica analítica não daria a amplitude que a **compreensão empática** permitia para a gente naquele momento (Entrevista com Sri, grifo nosso).

Em meio à dificuldade na escolha da condução metodológica da pesquisa estética, Strati (1996; 2007) nos alerta para a relevância do próprio pesquisador. Para o autor, o investigador faz parte da experiência estética. Os excertos seguintes apresentam a experiência com o campo de pesquisa, que demonstram como os pesquisadores, além de utilizarem outras fontes de

produção de dados, a sua própria experiência estética na pesquisa era algo a ser colocado no texto científico em construção, evitando a mudez estética (TAYLOR, 2002).

[...] Eu trabalhei com diário de campo e fazia um relato do que eu vivenciei, assim, as **minhas sensações, o que que me corpo estava me falando**. Não foi fácil pra mim, né? [...] Inicialmente deixava de canto aquelas informações. [...] **Com o tempo eu fui vendo que aquilo era campo, eu não posso omitir isso aqui, isso aqui faz parte do meu campo**. Porque comecei a ver que não era só eu assim. Comecei a observar os [atores organizacionais], conversar com eles e comecei a ver que as coisas aconteciam no coletivo. E disse: “**então isso não é mais só meu, não é mais da [nome da pesquisadora], pessoa. Isso aqui tá no coletivo, isso aqui tá no campo e eu não posso omitir**” (Entrevista com Artarte).

Então o Strati fala que a primeira coisa tem que tá disponível, tem que estar disponível em campo, uma disposição ativa, então é a primeira coisa, e lá na minha dissertação eu faço esse caminho, eu faço essa trilha e a primeira coisa então é estar disposto, rever todos os elementos que você vai precisar pra tá ali e a segunda eu venho pego emprestado da observação participante, que é observar, observar não só com os olhos, com todos os sentidos, como a estética traz **com o corpo todo** [...] **E eu peço licença pro meu leitor, porque agora sou eu, vou escrever na primeira pessoa** (Entrevista com Lada, grifo nosso).

O relato de Lada traz alguns novos apontamentos pertinentes em relação à postura do pesquisador. O desafio de se colocar no campo, se dispor a sentir é refletido no processo de escrita e de interpretação do texto (WARREN, 2008; DE MOLLI, 2021). A preocupação do que observar, do que anotar, sentir e como interpretar a experiência estética no cotidiano organizacional, torna a Pesquisa Estética ainda um desafio nos EOR.

[...] Você medir a Estética é muito difícil. **Qual é a régua que você usa para medir o sentimento?** Então esse foi um desafio muito grande, sobretudo quando eu tinha as entrevistas com os meus pares que a gente chamava de estranhamento. [...] **Eu acho que isso é um desafio para nós pesquisadores para que possamos fazer essa tradução de uma forma mais coesa** (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

A respeito das publicações e das formas como o texto é escrito e apresentado aos pares acadêmicos, a ação é vista também como uma barreira. Oxum faz uma reflexão sobre aceitação dos trabalhos fundamentados na Teoria Estética pela comunidade científica tradicional e dominante nas Ciências da Administração tenha uma postura avessa à subjetividade nas pesquisas científicas.

[...] Quando eu trago a minha pesquisa para conferências, quando eu apresento propostas para livros, para artigos sempre são aceitos, e não é por causa dos meus belos olhos não, é porque é um tema importante, fundamental, e ele é um tema legítimo, é um tema relevante. Só que as pessoas só percebem a relevância quando você fala, quando você mostra, e você deve estar observando isso, **nós ainda sofremos muito os preconceitos dos racionais e funcionalistas, porque a régua que mede um estudo estético não é a mesma régua que mede uma outra abordagem** (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

[...] **A gente deveria começar a considerar mais o interesse pessoal dos pesquisadores para desenvolver pesquisas, porque isso pode eventualmente até contribuir com embelezamento das ciências**. Ou seja, deixar uma coisa mais emocionalmente instigada para aqueles que realizam pesquisa. (Entrevista com Freia, grifo nosso).

O conflito entre a racionalidade e a subjetividade (LEAL, 2005) a questão do gosto em pesquisar (GHERARDI, 2009), são pontos colocados nas narrativas dos pesquisadores, pois notam ainda como essas questões ainda não foram sanadas no campo da Pesquisa Estética nos EOR. Além disso, como esta e outras pesquisas dos entrevistados no processo de construção em cenário ainda pandêmico de COVID-19. Tal mudança repentina provoca atenção da necessidade da arte na vida cotidiana, contudo, a estética não pode mais se limitar aos fenômenos em organizações artísticas.

**O pós-COVID-19 nos demanda um olhar mais Estético e mais subjetivo para todas as questões**, desde o home office, até as interações artísticas, as relações pessoais, tomada de decisão. Então eu penso que a Estética precisa ser mais explorada e acredito que ela não esteja de forma alguma limitada aos estudos das Artes, eu acho que você tem uma pesquisa como a que eu tive trazendo as Artes como o fenômeno, ela exemplifica de uma forma mais clara a importância da Estética e a participação da Estética na gestão, mas é fundamental que haja outros estudos e outras pesquisas nesse sentido (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

Outros desafios que são percebidos pelos pesquisadores estão, primeiramente, em ir além dos fenômenos estéticos em organizações no mundo das artes, o que se configura em um desafio reconhecido pelos investigadores. Além da necessidade de uma formação estética para pesquisadores nos EOR.

[...] **Essa é a hora da virada, essa é a hora dos pesquisadores realmente assumirem a Estética como meio para estudar os seus fenômenos sejam eles quais forem.** E eu falo muito isso para os meus alunos na universidade, já se passou o tempo de achar que a Administração eram planilhas, essa época fordista já acabou, porque os maiores conflitos hoje de uma organização são pessoais, e as pessoas são estéticas, então se você quer resolver as suas organizações, se você quer compreender as suas organizações, você precisa ter uma compreensão humana (Entrevista com Oxum, grifo nosso).

[...] Apesar da gente ter um desenvolvimento significativo do ponto de vista teórico desse estudo sobre corporeidade essa questão do ponto de vista metodológico, mas do próprio, **na formação docente da formação em estética**, em prática ela precisa avançar ainda, justamente nessa formação metodológica e nessa formação pra pesquisa e nessa formação pra docência e acho que é uma coisa que ela é um pouco separada ainda (Entrevista com Hedone, grifo nosso).

A partir dessas narrativas dos pesquisadores brasileiros de estética organizacional, chego ao próximo tópico com as considerações finais sobre esta pesquisa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a partir dos resultados encontrados e discussões realizadas, sobre a abordagem Estética Organizacional no campo científico dos EOR, sob a perspectiva e contribuições teórico-metodológica de Antonio Strati, para além dos sujeitos e artefatos no cotidiano da vida organizacional, é preciso colocar em evidência na investigação científica, a experiência estética do pesquisador, como elemento essencial para fins de análise da dimensão Estética Organizacional. Ao trazer o pesquisador para a análise da dimensão estética, demonstro como a pesquisa estética coloca em evidência, e não à margem, ou muito menos negar a sua subjetividade frente à racionalidade no fenômeno investigado.

A partir da análise de narrativa, foi possível compreender as narrativas de pesquisadores e suas experiências no fazer Pesquisa Estética, ao promover uma reflexão dos profissionais sobre seu campo teórico, os dilemas de suas escolhas metodológicas, as potencialidades, os

desafios e as barreiras na condução de suas respectivas pesquisas. Por meio das entrevistas narrativas realizadas, foi possível resgatar a memória de suas experiências estéticas no cotidiano da vida organizacional investigada.

Uma limitação presente e posta, ora como desafio, ora como potencialidade emergente da Pesquisa Estética, está relacionada ao aspecto metodológico no processo de condução do trabalho. Com isso, reitero a relevância em considerar os aspectos subjetivos dos pesquisadores, pois a partir de sua experiência estética, o investigador contribui com a construção do conhecimento sensível e do juízo estético no cotidiano da vida organizacional. Uma problemática que fica em evidência nos relatos sobre a se colocar no texto, a forma de escrita e de estrutura do trabalho diante de outros pesquisadores de campos tradicionais e dominantes nas ciências da administração, não se limitando aos EOR de tais dilemas.

Diante das narrativas dos pesquisadores estéticos, para onde ir com a Estética Organizacional nos EOR? Finalmente, resalto alguns temas de estudo que podem apresentar oportunidades e motivações para estudos futuros: (a) O papel e o impacto das subjetividades do pesquisador na realização de uma Pesquisa Estética; (b) Experiências estéticas com as tecnologias emergentes em diferentes contextos organizacionais; (c) Os artefatos em evidência para o reconhecimento da abordagem estética como uma aproximação também sociomaterial; (d) Diversidade, Interseccionalidade e Decolonialidade na pesquisa estética; (e) Formação do Gosto, Consumo e Contracultura Estética.

A proposta desta agenda é discutir as possibilidades da pesquisa nos EOR como uma experiência estética. É necessário abertura neste campo de pesquisa para reflexividade e subjetividade a partir da experiência estética que é sensível. A experiência estética provoca e exigirá dos pesquisadores a superar a objetividade com a construção de uma relação com os sujeitos, com os espaços, com artefatos em cada contexto social.

## Referências

ANJO, J. E. S.; BRITO, V. G. P.; BRITO, M. J. Estética organizacional nos estudos organizacionais brasileiros: Revisão sistemática na base Spell. **Teoria e Prática em Administração**, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2022.

BALDESSARELLI, G.; STIGLIANI, I.; ELSBACH, K. D. The Aesthetic Dimension of Organizing: A Review and Research Agenda. **Academy of Management Annals**, v. 16, n. 1, p. 217-257, 2022.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, ed. 36, 2014.

BERTOLIN, R. V.; CAPPELLE, M. C. A.; BRITO, M. J. Corporeidade e estética na aprendizagem organizacional: insights emergentes. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 2, p. 15-37, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712014000200002>

BISPO, M. S.; GHERARDI, S. Flesh-And-Blood Knowing: Interpreting Qualitative Data through Embodied Practice-Based Research. **RAUSP Management Journal**, v. 54, n. 4, p. 371-383, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1108/RAUSP-04-2019-0066>

CHERON, C.; SALVAGNI, J.; COLOMBY, R. K. The qualitative approach interview in administration: a guide for researchers. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p. 0-0, 2022. <https://doi.org/10.1590/10.1590/1982-7849rac2022210011.en>

COLET, D. S.; MOZZATO, A. R. A Corporeidade em Evidência: Contribuições do Conhecimento Estético para a Aprendizagem Organizacional. **Revista Gestão Organizacional**, v. 12, n. 1, p. 60-72, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v14i1.4080>  
CZARNIAWSKA, B. The uses of narrative in organization research. **Gothenburg Research Institute Report**, v. 5, p. 1-39, 2000.

CZARNIAWSKA, B. **Narratives in social science research**. Sage, 2004.

DE MOLLI, F. Participatory interpretation: a way to overcome analytical challenges in organizational aesthetic research. **Culture and Organization**, 27, n. 3, p. 226-239, 2021.

FLORES-PEREIRA, M. T.; DAVEL, E.; ALMEIDA, D. D. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 2, p. 194-208, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395149064>

FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 54, art. 2, p. 417-438, 2010.

GHERARDI, S. Practice? It's a Matter of Taste! **Management Learning**, 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M. A Experiência Estética nas Práticas Culinárias de uma Organização Gastronômica. **Organizações & Sociedade**, v. 23, n. 77, p. 191-210, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-9230771>

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LEAL, R. S. Subjetividade e objetividade: o equilíbrio racionalidade nos estudos organizacionais. **Revista Gestão & Planejamento**, v. 1, n. 11, p. 61-74, 2005.

LEAL, R. S. A Estética como Elemento para Compreensão da Criatividade Organizacional. **Organizações & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 67-82, 2007.

LOPES, L. L. S.; SOUZA, E. M.; IPIRANGA, A. S. R. Desvelando as categorias estéticas na organização de um pequeno restaurante. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, p. 207-222, 2014. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v3i1.9005>

SOARES, L. C.; BISPO, M. S. A Aprendizagem do Cozinhar à Luz das Práticas Sociais e da Estética Organizacional. **Brazilian Business Review**, v. 14, n. 2, p. 247-271, 2017. <http://dx.doi.org/10.15728/bbr.2017.14.2.6>

SOARES, L. C.; BISPO, M. S. Contribuições da estética organizacional para a pesquisa em organizações gastronômicas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 3, p. 476-493, 2014. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v8i3.808>

SOUZA NETO, R. A.; DIAS, G. F.; SILVA, R. R.; RAMOS, A. S. M. Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. **Revista de Administração**



**Contemporânea**, v. 23, n. 3, p. 373-394, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2019170357>.

STRATI, A. Aesthetics understanding of organizational life. **Academy of Management Review**, v. 17, n. 3, p. 568-581, 1992.

STRATI, A. Organizations viewed through the lens of aesthetics. **Organization**, 3, n. 2, p. 209-218, 1996.

STRATI, A. **Organização e Estética**. Tradução de Pedro Maia Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 320 p.

STRATI; A. Conhecimento sensível e aprendizagem baseada na prática. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014a, p. 61-82.

STRATI; A. Estética no estudo da vida organizacional. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014b, p.103-116.

STRATI; A. “Você faz coisas belas? ”: estética e arte em métodos qualitativos de estudos organizacionais. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014c, p. 171-196.

STRATI, A. **Organizational Theory and Aesthetics Philosophies**. New York: Routledge, 2019.

SUASSUNA, A. **Iniciação a estética**. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

WARREN, S. Empirical Challenges in Organizational aesthetics research: Towards a sensual methodology. **Organization Studies**, v. 29, n. 4, p. 559–580, 2008.

TAYLOR, S. S. Overcoming aesthetic muteness: Researching organizational members' aesthetic experience. **Human Relations**, 55, n. 7, p. 821-840, 2002.

WOOD JR., T.; CSILLAG, P. Estética Organizacional. **Organizações & Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 35-44, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-92302001000200002>